

O PARTICÍPIO PRESENTE EM CARTAS DE BERNARDO DE CLARAVAL: MUDANÇA E CONSERVAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA¹

Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia

Mariangela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Investigação das formas do particípio presente no texto original latino de 23 cartas escritas por Bernardo de Claraval, no século XII, com foco na conservação e na mudança dessa forma verbo-nominal na trajetória da língua portuguesa. Oitenta e nove particípios constituem o *corpus* coletado. Os dados foram interpretados à luz do funcionalismo linguístico, considerando-se os processos de gramaticalização, em sua derivação semântica e categorial, e a teoria dos protótipos. Detectaram-se casos de mudança funcional e de conservação de usos, que vão desde a Idade Média até o português contemporâneo, na demonstração de tendências de continuidade e de mudança linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Bernardo de Claraval; particípio presente; funcionalismo; gramaticalização.

ABSTRACT : *Investigation of the present participle forms of the verbs present on 23 letters, written by Bernardo de Claraval, in the twelfth century, in the original Latin text, focusing both on conservation and change of this structure in the trajectory of the Portuguese language. Eighty-nine participle forms constitute the corpus collected. The data were interpreted according to the functionalism theory, taking into account the processes of grammaticalization in its categorial and semantic derivation, as well as the prototype theory. Cases of functional change and conservation of usage were detected, ranging from the Middle Age to the contemporary Portuguese, in the demonstration of the continuity and linguistics change trends.*

¹ Este artigo é fruto do estágio pós-doutoral da pesquisadora Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF, sob a supervisão da pesquisadora Mariangela Rios de Oliveira, em 2009.

KEYWORDS: *Bernardo de Claraval; present participle; functionalism; grammaticalization.*

Introdução

Neste artigo, dedicamo-nos, com base em pressupostos funcionalistas, na linha de Heine e Kuteva (2007) Traugott e Dasher (2005), Givón (2001), entre outros, à pesquisa da mudança e da conservação categorial do particípio presente (doravante PP) no latim tardio e seus reflexos no português contemporâneo. Para tanto, tomamos como *corpus* 23 cartas escritas em latim por Bernardo de Claraval e datadas do século XII, bem como a sua respectiva tradução². Essas cartas, que compõem o epistolário de Bernardo de Claraval, foram dirigidas a monjas e senhoras da nobreza da época, entre as quais a Imperatriz dos romanos e a rainha de Jerusalém. Na versão latina das cartas, recolhemos todas as sentenças com PP e realizamos um estudo da conservação e da mudança no latim tardio, detectando e analisando esses usos à luz da teoria funcionalista, tendo em vista os processos de gramaticalização e lexicalização em sua derivação semântica e categorial.

Nosso objetivo é o de contribuir, a partir de dados empíricos de fontes históricas, para o maior conhecimento dos aspectos funcionais do PP na trajetória do latim ao português, fornecendo também subsídios consistentes para a pesquisa da unidirecionalidade e da estabilidade na perspectiva do funcionalismo linguístico, que fundamenta esta investigação.

Iniciamos o artigo fazendo uma breve abordagem sobre o PP no latim e no português com base em gramáticos e linguistas que tratam do tema. Em seguida, apresentamos e discutimos os pressupostos funcionalistas que nos orientam, com ênfase no processo de gramaticalização. Na seção posterior, procedemos à descrição e análise do *corpus*, com foco nos padrões funcionais do PP levantados e na trajetória destes usos no português, em termos de mudança e de continuidade. A seguir tratamos da derivação PP > preposição, não detectada nas cartas de Bernardo, porém relevante como processo de gramaticalização. Por fim, tecemos alguns comentários acerca da contribuição de estudos empíricos, como o aqui apresentado, como suporte

² A tradução das cartas de Bernardo foi realizada pela pesquisadora Jacira Ornélia Nogueira de Oliveira, na primeira etapa de seu estágio de pós-doutoramento, e se encontram atualmente em fase de editoração para publicação.

aos estudos da mudança e da estabilidade dos usos linguísticos, notadamente em língua portuguesa.

1. O PP em latim

No latim, o PP era formado do tema do *infectum*, ao qual se acrescentava o sufixo modo-temporal *-nt-* e as desinências nominais próprias dos adjetivos uniformes de segunda classe. No segundo grupo da terceira conjugação e na quarta o participio, era formado pelo radical do presente acrescido da vogal *-i* (sufixal ou temática) e de uma vogal *-e*, analógica com a dos participios da segunda conjugação e do primeiro grupo da terceira. Assim formado, declinou-se como um nome, perdendo o *-t* do sufixo no nominativo/vocativo masculino e feminino e nominativo/vocativo/acusativo neutro. Por outro lado, o *-n* do participio podia emudecer foneticamente diante de *-s*, daí formas como *libes* = *libens*, assinala Ernout (1989, p.172).

O PP era inteiramente declinável como um adjetivo de segunda classe, tendo, segundo Ravizza (1925, p. 60) e Almeida (1992a, p. 204), o ablativo em *-e*, quando participio e substantivo, e em *-i*, quando adjetivo: *a sapiente*, por ‘um sábio’; *a sapienti viro*, por ‘um homem sábio’. Esses mesmos participios, no genitivo plural, terminam em *-um*, se forem usados como substantivos, e em *-ium*, quando participios e adjetivos.

O PP do verbo *esse*: *s-nt-s* > *sens, sentis*, segundo Laurand (1918, p. 718-719), além de outros autores, só subsiste nos derivados a exemplo de *absens, consens, praesens*. Já Ernout e Meillet (1985) observam que *praesens* era semanticamente diferente de *praesum*. A forma *ens, entis* (de *es, est*), criada através da analogia, é utilizada por César no *De Analogia* e teve uso frequente no latim escolástico da Idade Média, porém, como substantivo na linguagem filosófica: *o ente, aquilo que é*, observa Zenoni (1946, p.166) como, aliás, se conserva na língua portuguesa: “o ente querido”.

Ao tratar do participio, Väänänen (1968, p. 224) ressalta que o PP assinala uma relação de concomitância, seja temporal, seja modal, e ocupa o lugar de oração circunstancial. Ernout e Thomas (1953, p. 273) também explicam que o PP não marca o tempo em si mesmo, mas designa a ação concomitante, isto é, que se desenvolve ao mesmo tempo em que a do verbo da proposição na qual ele se encontra.

Ravizza (1925, p. 284) também considera que o PP latino dizia respeito a um acontecimento incompleto, contemporâneo ao fato que exprimia o verbo da oração principal, e exemplifica com a oração *Monstro viam erranti*

(= *Indico o caminho a quem erra* (ao errante). O PP, usado com o sujeito ou o complemento do verbo, servia para referir, mais brevemente do que com auxílio das conjunções, as diversas circunstâncias de tempo, causa, condição, fim, concessão, podendo traduzir-se em português por uma proposição adverbial.

É unânime entre os gramáticos a afirmação de que muitos participípios latinos tornaram-se verdadeiros adjetivos, a exemplo de *diligens, -entis; prudens, -entis e sapiens, -entis* e outros, como substantivo: *parens, -entis*; a esse respeito, observa Faria (1995, p. 409):

A natureza adjetiva do participípio se manifesta em poder ele desempenhar a função de epíteto, caso em que freqüentemente admite o grau de comparação. Aliás, em latim há uma série de adjetivos que são antigos participípios, alguns dos quais só se encontram como tais por se terem deixado de usar os verbos de que se derivam. Enfim como verdadeiros adjetivos podem, ainda, ser usados substantivamente sendo de se notar que isto é mais frequente no plural do que no singular.

Também Maurer Jr. (1951, p. 99) assinala que já em latim se percebia a tendência para reduzir o PP a adjetivo ou substantivo, acrescentando que esta tendência se evidenciava pelo fato de tal forma admitir frequentemente um complemento genitivo.

Como adjetivo e substantivo, o PP ocorre frequentemente em Gregório Magno e outros escritores cristãos. De Gregório notem-se os adjetivos: *fluctuans, peccans, subsequens, competens, incessans, insufficiens, deprimens*. Alguns substantivos encontrados em Beda são: *credentes, legentibus, dormientis, audientibus, venientem, viventem*. (MAURER Jr, 1951, p.100)

Ainda referindo-se à natureza de adjetivo do PP, Riemann (1942, p. 521) aponta duas características desta categoria: a primeira, de admitir o grau comparativo e superlativo; a segunda, o fato de o PP do verbo transitivo abandonar sua construção verbal, para se construir com genitivo, como nos seguintes exemplos: *alieni appetens; religionum colens; sui negotii bene gerens*. Ressalta também que o emprego dos participípios como substantivo era menos livre do que no grego e que seu emprego como substantivo no nominativo singular constituía-se em procedimento extremamente raro na língua latina. A esse respeito, Ragon (1909, p. 218) explica que o uso do PP substantivado era mais raro porque o latim não possuía artigo. Em decorrência do valor adjetivo do participípio, o PP frequentemente substituía uma oração adjetiva relativa. Era comum, também, a substituição de uma oração adverbial por PP.

2. O PP em português

Os participípios figuram entre as formas verbo-nominais sobreviventes no latim coloquial da decadência e, conseqüentemente, na língua portuguesa. São definidos por Camara Jr. (1979, p. 187) como “formas verbais, comuns às línguas indo-europeias em que a natureza do adjetivo se complementa de uma significação dinâmica, que faz delas um processo verbal [...] enquanto servem de adjunto a um substantivo”.

Sabemos ainda que, na evolução para a língua portuguesa, cristaliza-se o participípio futuro ativo, em substantivos do tipo *armadura*, *ventura*, *escritura*, *ancoradouro*, *nascituro*, *morredouro*, *sorvedouro*, *matadouro*, *abatedouro*, e a própria palavra *futuro*, que é, nessa ordem, o participípio futuro do verbo *esse*. O mesmo ocorreu com o participípio futuro passivo, também chamado *gerundivo*, donde *agenda*, *merenda*, *prebenda*, *legenda*.

Já tratando dos participípios passado e presente, Melo (1967, p. 148) afirma que se mantiveram na linguagem dos povos romanizados. Porém Camara Jr. (1986, p. 187) observa que, na morfologia da língua portuguesa moderna, apenas o participípio passado é conservado, e, por isso mesmo, é denominado na NGB simplesmente como *participípio*.

No percurso para a língua portuguesa, o PP conservou a forma do acusativo singular *-nte(m)* e do plural *-ntes*. Segundo Williams (1961, p.191), as terminações do PP no latim clássico, com a vogal temática correspondente a cada conjugação, evoluíram para o português em *-ante* (*amante*), para a primeira conjugação; *-ente* (*movente*), para a segunda e *-inte* (*pedinte*), para a terceira. A terminação *-iente* dos poucos verbos irregulares da terceira conjugação (verbos em *io*) foi substituída por *-ente* e a terminação *-iente*, da quarta conjugação, foi substituída por *-inte*, forma nova oriunda da vogal característica da conjugação; perdeu-se, ainda, o *-e-* que havia antes do sufixo *-nte* nos verbos da quarta conjugação latina (*vestientem*, *venientem*), por analogia com os das outras conjugações, que juntavam *-nte* diretamente ao tema. A terminação *-iente* da terceira e quarta latinas tem sido preservada em formas eruditas como *oriente*, *conveniente*, *proveniente*, *emoliente*, *percuciente*, *subserviente*, registradas tanto no período arcaico como no moderno. As palavras *dormiente* e *servente*, participípios de *dormir* e *servir*, são, provavelmente, de um período anterior ao advento da terminação *-inte*.

A confusão estabelecida em português entre o gerúndio e o PP latinos levou os modernos escritores a empregar, frequentemente, o gerúndio pelo PP, em frases como: *Recebi uma caixa, contendo doces gostosos*. Segundo Bueno

(1967, p. 321), os gramáticos estão divididos, nesse particular, considerando os mais antigos que tal emprego constitui galicismo, e, portanto, erro da sintaxe portuguesa. Eles sugerem a substituição por oração adjetiva ou preposição mais substantivo: *Recebi uma caixa **que continha** doces gostosos* ou ainda: *Recebi uma caixa **com** doces gostosos*. Há ainda casos em que a tradição gramatical preconiza o uso do particípio e a comunidade linguística registra o uso do gerúndio: *bolsa **transbordando** de dinheiro*, por *bolsa **transbordante** de dinheiro*; *cor **tirando** a vermelho* por *cor **tirante** a vermelho* (ALMEIDA 1992a, p. 559).

O fato de, já no próprio latim, alguns particípios passarem a ser empregados como adjetivos, a exemplo de *prudens*, *sapiens*, *diligens* e *potens*, justifica o duplo papel que o particípio desempenhou no período arcaico do português. Já nessa fase, o PP é usado como verbo e como adjetivo, em concordância com o nome ao qual se referia, como observamos nos seguintes exemplos listados por Veiga (1959, p.76), nos quais fica patente a concordância em gênero e número: *Eva **riyente** e **enganante***; *Maria **chorante*** e *Humilde **he hua strella muy luzente luz ...mostrante** Deos*.

Williams (1961, p. 191) e Melo (1967, p. 148), entre outros, remontam ao século XVI o emprego do PP com valor verbal; por sua vez, Ali (1964, p. 146) afirma que esse uso se deve mais a latinismos do que à linguagem espontânea e natural própria da época, e acrescenta que o mesmo se deve entender dos profusos exemplos de PPs existentes na *Regra de São Bento* e dos que se encontram nos documentos oficiais e legislação da Idade Média.

Após declarar que muitos particípios ocorrem como substantivos no próprio latim, Coelho (1873, p. 95) acrescenta que em português conservam-se todos e, ao lado de *oriente* e *ocidente*, aparecem *nascente* e *poente*; cita ainda outros substantivos de idêntica formação, como *lente* de *legente*, particípio de *lego*; *escrevente* (homem que escreve) *caminhante* e *tirante* (correia de tração do carro) de *tirar*; *sargento* de *sergente* – lat. *serviente*, modificado pelo francês *servent* –. Pertence ainda a essa espécie *marchante* – antigo francês *marchand* (mod. fr. *marchant* de *mercant* – particípio de *merc*); o português tem a forma divergente *mercante*, empregada como adjetivo.

Coelho (1873, p. 95) considera que algumas formas de PP eram empregadas como adjetivos, outras como substantivos; isto é, já não eram construídas com os mesmos complementos que os verbos de que provinham. O autor acrescenta, porém, que no antigo português encontravam-se ainda formas com valor participial e cita os alguns exemplos, entre os quais mencionamos *cegou **entrante** à lida*. (L-Linh I, 165) e *os quaes **tementes** Nostro Señor*. (Reg. P. 251).

Também Gamarski (2002, p. 402), tratando dos adjetivos deverbais em *-nte*, chama atenção para o fato de que, entre os adjetivos estativos, ocorrem formações que são exclusivas dos adjetivos em *-nte*, não valorativas e não descritivas, de interpretação eminentemente verbal. E exemplifica, entre outros, com fragmentos como: *em relação aos elementos novos existentes no mediastino e pessoas integrantes daquela sociedade*.

Essas formações, diz Gamarski, são regulares, mas não funcionam como atributos ou especificações do substantivo, como os demais adjetivos. Trata-se de predicadores aos quais está vinculado um argumento interno indireto, herdado do verbo derivante; têm constituição temporal interna. São, pois, elementos situados em interseção categorial, no trânsito entre verbo e adjetivo, portanto, trata-se de formas nitidamente verbo-nominais. Essas formas são entendidas como não-catóricas ou em posição marginal face à classe dos verbos e dos nomes adjetivos, uma vez que partilham traços de ambas e são, de outra parte, desprovidas de outras marcas categoriais, nos termos de Taylor (1995).

A respeito da instabilidade ou hibridização categorial do PP, Melo (1967, p. 148) afirma que esta forma se manteve como adjetivo, substantivando-se em muitos casos e, em outros, tornando-se preposição. A esse respeito, observa-se que o número das preposições aumentou na língua portuguesa, em decorrência do emprego de adjetivos, de participios passados e de PPs com esse valor, a exemplo de *passante*, *mediante*, *durante*. Dias (1970, p. 165,6) também assinala que *salvante* e *tirante* são participios que passaram a ser empregados como puros advérbios de exclusão. Em *não obstante* e *não embargante* há também PPs. Nesses casos, estamos diante de efetivos fenômenos de gramaticalização (HEINE; KUTEVA, 2007), no entendimento que se registra mudança de classe mais lexical (verbo ou nome adjetivo) para outra mais gramatical (preposição ou conectores em geral).

A esse respeito, Neves (2000) afirma que a NGB denomina como *preposições acidentais* certos elementos que se estão gramaticalizando como preposições e que se empregam em contextos restritos. Ainda segundo a autora, as preposições acidentais funcionam fora do sistema de transitividade, isto é, não introduzem complemento, mas estabelecem relação semântica adverbial: *durante* (de tempo); *mediante* (de meio); *não obstante* (de concessão); *tirante* (de exclusão); *consoante* (de conformidade).

Ao afirmar a recategorização dos PPs em adjetivos, substantivos, preposições e advérbios, a unanimidade dos gramáticos cita a expressão *temente a Deus* como vestígio do uso verbal do PP em tempos modernos. Podem ser acrescentados outros tantos desses usos, como *tirante isso*, *dependente de*, *aderente a*,

mal soante, bem falante e a palavra *tenente* no nome composto *lugar-tenente* e o seu representante popular *tente* (que ocorre em *a mão tente*).

Por esses testemunhos, devemos entender que o PP tem vitalidade com valor verbal no período arcaico, mas, no português moderno e contemporâneo, vem se recategorizando como adjetivo, substantivo, em processos próximos à lexicalização (BRINTON; TRAUGOTT, 2006) e, de outra parte, como preposição, advérbio e conjunção, rumo à gramaticalização (HEINE; KUTEVA, 2007; TRAUGOTT; DASHER, 2005). A par desses usos mais inovadores, constatamos ainda a permanência, no português, do uso como forma verbo-nominal, conforme ocorria em latim; trata-se de formações seguidas de complemento indireto, como no fragmento apresentado por Bechara (2006, p. 50): *Eram questões referentes à lição dada*, em que, segundo o autor, temos um caso de regência nominal, considerando, pois, *referentes* como simples nome. Nesse caso, nossa interpretação é distinta, uma vez que entendemos que *referente* está construído com o mesmo complemento que teria o verbo (*referir-se a/ referentes a*), fato que pode recuperar o caráter fundante de verbo do PP e situá-lo na fronteira entre a classe dos nomes e dos verbos, como forma híbrida da língua.

3. Funcionalismo e gramaticalização

Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a forma é motivada pela situação comunicativa. “Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema”. (CUNHA; COSTA ; CEZARIO 2003, p. 29). O funcionalismo tem, pois, como componente central o uso linguístico. Qualquer abordagem funcionalista de uma língua, na verdade, tem como questão básica a verificação do modo como os usuários se comunicam eficientemente. O que importa nesse caso é a competência comunicativa (NEVES, 1997, p. 2)

De acordo com os funcionalistas, uma teoria da gramática deve tentar explicar as regras da língua, em termos de sua funcionalidade, ou seja, em relação aos seus usos e à finalidade destes. Assim, entendemos *gramática* como o conjunto de práticas rotinizadas e sistemáticas com que a comunidade linguística interage cotidianamente (OLIVEIRA; VOTRE, 2009). Ao estabelecer como hipótese fundamental a existência de relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (a função) e a sistematicidade da estrutura da língua (a gramática), o funcionalismo situa-se em posição intermediária em relação às abordagens eminentemente formalistas e aquelas com foco exclusivo em aspectos discursivos.

Segundo Neves (1997, p. 15), podemos entender por gramática funcional “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”. Essa concepção teórica concebe a gramática como resultante de pressões do uso. Completa, ainda, Neves (1997, p. 9):

Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. Lembre-se que a expressão competência comunicativa é geralmente relacionada a Hymes (1974), que justamente propunha acrescentar ao processo tradicional de descrição gramatical a descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem.

A abordagem funcionalista levanta, descreve e interpreta o uso das expressões linguísticas em situações de comunicação, o que requer uma certa *pragmatização* do componente sintático-semântico, conforme postulam Traugott e Dasher (2005). Segundo os autores referidos, os rituais da interação, em que atuam negociações de sentido e ações sobre o interlocutor, são o *locus* para o desencadeamento de processos de *inferência sugerida*, por intermédio dos quais os emissores veiculam crenças e valores, no nível da subjetivação, para atingir propósitos comunicativos e atuar sobre seus interlocutores, no nível da intersubjetivação. Tais estratégias, em muitos aspectos, são interpretadas como motivadoras de mudança categorial, ou gramaticalização.

Desse modo, apoiados também em Heine e Kuteva (2007), consideramos que o traço característico da concepção de linguagem no funcionalismo é seu caráter não apenas funcional, mas também dinâmico. Tal dinamismo se verifica na inseparabilidade entre o sistema linguístico e as funções cumpridas na interação, reconhecendo-se, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força movente que subjaz à trajetória dos usos da língua.

Nas pesquisas funcionalistas, destacam-se os estudos sobre gramaticalização. Embora as pesquisas nessa área remontem a períodos mais antigos, é no século XX que Meillet (1933) cunha o termo *gramaticalização* para a mudança linguística que afeta a gramática, definindo-o como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma. Observa Meillet que, em todos os casos em que se podia conhecer a fonte primária de uma forma gramatical, essa fonte era uma palavra lexical, e que a transição é sempre uma espécie de *continuum*.

Heine e Kuteva (2007) afirmam que a gramaticalização é a manifestação do aspecto não estático da gramática, uma vez que confirma que as línguas estão em mudança, como consequência da busca da expressão de outros sentidos. Esses novos sentidos, motivados por fatores de ordem comunicativa e cognitiva, são expressos por antigas formas, alçadas, recrutadas, assim, para novas funções. Toda essa mobilidade pode derivar em fenômenos como polissemia, variação e mudança linguística.

Hopper e Traugott (2003, p.104), quando tratam da gramaticalização, propõem três classes de palavras e indicam haver entre as mesmas transição gradual. Os autores crescentam que, na recategorização de categorias lexicais, tem-se observado o seguinte *continuum*: categoria maior (nome, verbo) > categoria mediana (adjetivo, advérbio) > categoria menor (pronome, preposição, conjunção). Outros, como Neves (1997, p. 125), reforçam que, ao sofrer gramaticalização, as formas tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e as características próprias das categorias plenas de nome e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias secundárias, como adjetivo e preposição.

Sabemos que, como originalmente concebida, a gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade aumentada. Nessa mudança, o princípio da unidirecionalidade é posto como condição *sine qua non* para a gramaticalização. Em estudos mais recentes, porém constatou-se que “modelos podem surgir, estruturas podem ser modificadas, aumentando ou reduzindo o alcance, ou mesmo desaparecer, mas é muito maior do que se pensava o volume de estruturas e construções que se mantêm, e de sentidos que se conservam” (VOTRE; OLIVEIRA, 2007, p. 155). Todas as mudanças propostas, que se identificam como casos de gramaticalização, costumam enfatizar a diferença entre lexical e gramatical. Muitas vezes, entretanto, nos parece extremamente complexo classificar as palavras da língua, colocando de um lado palavras lexicais e, de outro, palavras gramaticais.

Tal dificuldade se acentua quando tratamos de classificar o PP como verbo, como adjetivo, como substantivo, como preposição ou ainda como substituto do gerúndio. Assim, alinhando-nos com Brinton e Traugott (2006), optamos por considerar lexicalização e gramaticalização processos de mudança linguística, como pólos de um *continuum*, com pontos distintos e correspondentes. Portanto, podemos entender que as formas verbo-nominais em análise passam tanto por processo de gramaticalização, na derivação, por exemplo, para funções de

conexão, quanto por processo de lexicalização, ao se aproximarem de classes nominais. Essa trajetória distinta ocorre em virtude de serem formas de limites imprecisos: nem claramente verbais, nem claramente nominais.

No próprio latim já se encontravam casos, embora discretos, segundo Oliveira (2004), de nominalização dos PPs bem como a sua substituição pelo gerúndio (*ablativus modi*). Quanto ao percurso do latim às línguas românicas atuais, especialmente o português, podemos entender a gramaticalização dos participios no âmbito de um dos processos essenciais de gramaticalização – a sintaticização, que envolve a recategorização em preposição e em gerúndio, além das relações intersentenciais (a substituição do PP em orações subordinadas).

Ao propormos a análise dos PPs no latim tardio tendo em vista a observação da conservação e da mudança linguística no próprio latim e em referência à língua portuguesa contemporânea com base no funcionalismo, partimos das cartas escritas por Bernardo de Claraval e sua respectiva tradução. Nossos dados contrariam em muitos pontos as afirmações de gramáticos e linguistas. Quanto ao latim tardio, por exemplo, Bassols de Climent (1956) afirmam que o PP desaparecera a partir do século III, substituído pelo *ablativus modi* (OLIVEIRA, 2004, p. 206). Quanto à língua portuguesa contemporânea, as gramáticas, desconhecendo a funcionalidade dessa forma no percurso da língua portuguesa e em tempos modernos, comprovado por Oliveira (2004), não o identificam como categoria vigente na língua atual.

4. Tratamento e análise do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 89 formas de PP constantes no texto latino das 23 cartas escritas por Bernardo de Claraval e dirigidas a monjas e outras nobres senhoras da sociedade da época. Essas cartas estão divididas em dois blocos: a “série perfeita” com nove cartas sequenciais –113 a 121– e a *extra corpus* “série antiga” com 14 cartas não sequenciais. Na apresentação dos dados, os fragmentos das cartas latinas encontram-se com numeração romana, seguidos pelos respectivos trechos de tradução para o português.

4.1. Ocorrências participais no texto latino

Ao longo das cartas, foram destacadas 89 ocorrências de PP, assim distribuídas:

Cartas	Número	Porcentagem
BLOCO 1	62	70 %
BLOCO 2	27	30 %

Tabela 1- Ocorrência de participios no texto latino

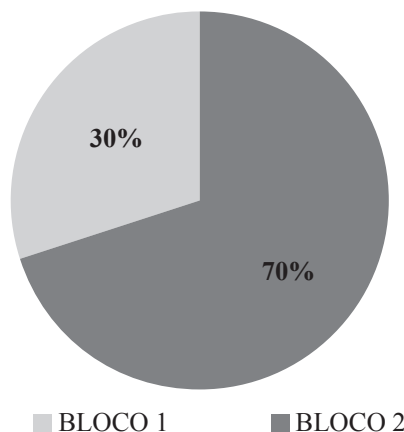


Gráfico 1: Ocorrência de participios no texto latino

Esses participios, que constituem o *corpus* analisado, são de 68 diferentes verbos, distribuídos nas quatro conjugações latinas, como se segue:

Conjugação	Infinitivo	Particípio	Número	Porcentagem
1. ^a conjugação	are	-ans,-antis	22	32%
2. ^a conjugação	ere	-ens,-entis	12	18%
3. ^a conjugação	ěre	-(i)ens,-entis	26	38%
4. ^a conjugação	ire	-iens,-ientis	08	12%

Tabela 2 – distribuição dos participios nas conjugações

Distribuição dos participípios nas conjugações

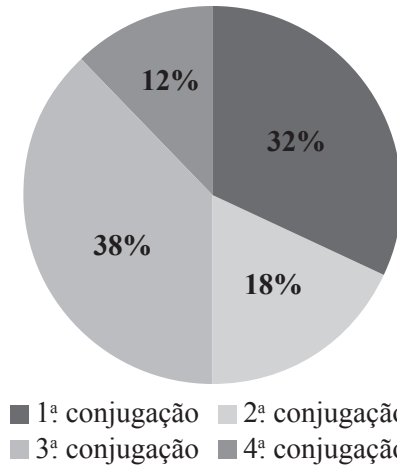


Gráfico 2 - Distribuição dos participípios nas conjugações

A seguir, apresentamos, por conjugação, dados ilustrativos do PP, com a respectiva tradução:

a) 1.^a conjugação :

[...] *et laetificabis civitatem Dei, **cantans et cursitans et sequens** agnum quocumque ierit.* (CXIII)

[...] *e alegrarás a cidade de Deus, **cantando, correndo e seguindo** o cordeiro aonde quer que ele vá.*

b) 2.^a conjugação :

[...] *mulier **timens** Deum ipsa laudabitur.* (CXIII)

[...] *a mulher **temente** a Deus, essa sim será louvada.* (113)

c) 3.^a conjugação:

***Scibentem** ergo ad te non multum ista revereri oportunt.* [...] (CCCLIV)

*Por isso não convém **a quem te escreve** apreciar muito estes bens.* (354)

d) 4.^a conjugação :

[...] *ut scribitis **conqueruntur**, nec **audientes** Salomonem, qui ait: [...]* (CCI)

[...] *segundo me escrevestes, se queixam, não **ouvindo** os conselhos de Salomão que lhes diz: [...]* (301)

Alguns verbos são repetidos ao longo das cartas, como *vivens, -entis* (*vivere*); *presens, -ntis* (*praesse*) e *volens, -entis* (*velle*), que ocorrem quatro

vezes, a maioria das vezes, no nominativo, seguindo-se *absens*, *-entis* (*abesse*) e *sapiens*, *-entis* (*sapere*) que ocorrem três vezes e *prudens*, *-entis* (*providere*); *habens*, *entis* (*habere*); *sciens*, *entis* (*scire*); *miserans*, *-antis* (*misereor*); *iuvans*, *-ante* (*iuvare*); *coveniens*, *-entis* (*convenire*) e *audiens*, *-ientis*, com duas ocorrências.

Entre esses 68 verbos, incluímos os depoentes³, *conversor -ari*; *malignor -ari*, *mercor -ari*; *misereor, -ari*; *peregrinor, -ari* e *sequor, -eris* já que, sabemos, apesar de terem forma passiva e significação ativa, possuem as formas exclusivamente ativas como o PP e o gerúndio, como em: *et laetificabis civitatem Dei, cantans et cursitans et sequens agnum quocumque ierit* (CXIII), traduzido por [...] e alegrará a cidade de Deus, cantando, correndo e seguindo o cordeiro aonde quer que ele vá.

Nas cartas, encontramos ocorrências de formas de participios de verbos derivados de *-ire*: *adire* (*adiens, -euntis*); *exire* (*exiens, euntis*) e *transire* (*transiens, -transeuntis*)

Ainda a respeito da morfologia do PP, em latim, comprovamos o que está referido na bibliografia consultada: o participio latino era intuitivamente declinável como um adjetivo de 2ª classe, tendo o ablativo singular em *-e*, quando participio e substantivo, e em *-i*, quando adjetivo. Ainda registramos o genitivo plural *-ium*, quando participios e adjetivos, como em: *Tu ergo noli aemulari in malignantibus et mendicantibus pulchritudinem alienam, ubi perdiderint suam*. (CXIII), traduzido por *Tu, portanto, não te irrites por causa dos malvados e dos que mendigam a formosura alheia quando perdem a sua*.

Dos 89 participios recolhidos nas epístolas, apenas seis são empregados como nomes (substantivos/adjetivos): *decens, -entis* e *praesens, -entis*, que fazem o ablativo em *-i* (*decenti rubore/presenti instatantia*); *prasens, -entis*, na construção *praesentem chartam*; *prudens, -entis* em correlação com o adjetivo *fatuis* (*de fatuis/de prudentibus*) e *sapiens, -entis* em *multi sapientes* e *sapiens probata*. Assim, podemos constatar que a recategorização do PP em nome (subst./adj.) já ocorria no latim tardio, porém de forma muito discreta.

Observamos ainda que, para o sentido verbal de *saber*, Bernardo emprega *scire* (*scientes*). Segundo Väänänen, (1968, p.129) *scire* foi substituído por *sapere* que, inicialmente, tinha a conotação de *ter gosto, ter sabor de* e que estende a significação para *ter discernimento, saber*. Nominalizado o PP

³ Os verbos chamados **depoentes** embora tenham forma passiva, por haverem deposto ou abandonado a forma ativa, quanto ao significado são verdadeiramente ativos. É o caso, por exemplo de *sequor*, que significa ‘sigo’ e não ‘sou seguido’.

sapiens, Bernardo, apropriadamente, emprega *scientes*, para a função verbal: *sed Christo, sciens quia et saeculo vivere mors est, [...]* (CXIV), traduzido por [...] *mas para Cristo, ciente de que viver para o mundo é morrer [...]*

4.2. Correspondência do PP latino na tradução em língua portuguesa

A partir do confronto dos contextos em que o PP se encontra no latim e como foi traduzido para o português, levantamos as seguintes correspondências:

Correspondência Latim/Português	Dados	Percentual
Particípio	13	15%
Gerúndio	26	29%
Nome (adj/subs)	23	26%
Oração Relativa	14	16%
Circunstância	10	11%
Infinitivo	3	3%
TOTAL	89	100%

Tabela 3 - Correspondência particípio latino x tradução portuguesa

Correspondência particípio latino x tradução portuguesa

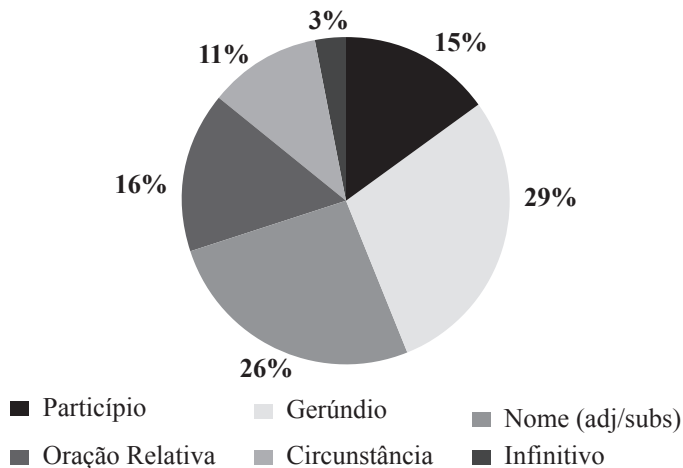


Gráfico 3 - Correspondência particípio latino x tradução portuguesa

Ao analisarmos os dados do *corpus*, com base na Tabela e no Gráfico 3, verificamos que, das mudanças morfossintáticas ocorridas com o PP na passagem para a língua portuguesa, a mais frequente foi a sua recategorização em gerúndio (29%), seguida pela nominalização (26%), com as demais subsequentes. Nas seções a seguir, tratamos de cada um dos usos levantados nas fontes pesquisadas.

4.3. Recategorização: *particípio* > *gerúndio*

Das mudanças morfossintáticas ocorridas com o PP, a mais frequente no *corpus* analisado é a sua recategorização em gerúndio. Foram coletadas 26 ocorrências (29%) de gerúndio correspondentes a PP latino.

É importante ressaltar que essas formas de *particípio* estão geralmente no nominativo, o que pode ser explicado pelo fato de que o gerúndio do *ablativus-modi* designa uma ação secundária operada pelo sujeito simultaneamente com a ação principal; corresponde a um adjetivo predicativo-comitativo do sujeito, assumindo, portanto, a função do PP no nominativo, como em:

a) [...] *sed non parum, febre redeunte, ita ut mori timerem, aggravatus fui.* (CXVIII)

[...] porém, **voltando** a febre, eu fiquei tão mal que acreditei que iria morrer.

b) [...] *ex quo cognitum habui, cogitans atque recogitans quo quidem spiritu conceperis, facile iudicare non audeo.* (CXV)

Desde que fiquei a par desse teu desejo, **pensando** e **repensando** qual o motivo que te move não me atrevi a julgá-lo precipitadamente.

c) *Deum ergo repellens et a saeculo repulsa, inter duas, ut dicitur sellas corrueras.* (CXIV)

Rejeitando, pois, a Deus e repelida pelo mundo ficastes entre dois senhores, como se costuma dizer.

A mudança *particípio* > *gerúndio* é fato singular na trajetória linguística. Sendo o *particípio* uma forma híbrida, de limites imprecisos, que detém, ao mesmo tempo, valores verbais e nominais, vai, aos poucos, enfraquecendo as suas características verbais e enfatizando as de adjetivo. Essa mudança, por semelhança de família, mantém o valor verbal e amplia as suas funções, passando a assumir também aquelas próprias ao *particípio*. A afirmação de que a mudança *particípio* > *gerúndio* constitui-se em processo de gramaticalização confirma-se

por duas assertivas fundamentais: a primeira diz respeito ao enfraquecimento do valor verbal do PP, propiciando a sua substituição pelo gerúndio; a segunda postula ser o gerúndio mais gramatical do que o particípio, embora ambos admitam classificação entre as formas chamadas verbo-nominais. A primeira assertiva já está largamente comprovada pelos exemplos que remontam ao latim e que continuam presentes nas línguas românicas.

A segunda requer reflexão, uma vez que leva em conta o trânsito entre as classes gramaticais, a assunção de que a gramaticalização lida com o *continuum* de três macro-classes de palavras, prevendo-se entre as mesmas transição gradual ou recategorização. Brinton e Traugott (2006, p. 1), tratando da lexicalização e gramaticalização no inglês, usam como exemplo a frase *We are celebrating a fascinating Holiday today*⁴, na qual as duas formas terminadas em *-ing* correspondem uma ao adjetivo de PP (*fascinating* / *fascinante*), como denominam, e a outra ao gerúndio (*celebrating* / *celebrando*), considerado esta última como elemento mais gramatical do que aquela.

Acreditamos que uma alternativa relevante para se interpretar a gramaticalização particípio > gerúndio na derivação latim > português é aplicação da teoria dos protótipos, como se encontra em Taylor (1995). De acordo com tal pressuposto, categorias são classes fluidas, de contornos pouco nítidos, cujos membros ostentam, via de regra, traços mais ou menos comuns. No eixo categorial central, situam-se os mais representativos e modelares dos membros, nas margens, localizam-se os desprovidos de quantidade maior de traços, já no trânsito ou migração para outra categoria.

Assim, o PP e o gerúndio, por semelhança de família, pertencem à mesma classe de palavras: as formas verbo-nominais. Além disso, não podemos esquecer que a tradição gramatical oscilou entre a denominação de particípio e gerúndio para as formas em *-ndo*. Dias (1970) registra ambas, como particípios. Esse fato histórico, sem dúvida, corrobora ainda mais a pouca delimitação entre as aludidas formas.

Por outro lado, observamos que, entre as formas verbo-nominais, embora empregado com valor de substantivo e ampliando depois suas funções para assumir os valores antes próprios do PP, em nenhum momento, o gerúndio é usado com valor exclusivamente nominal. A forma com valor exclusivamente de substantivo fica repassada para o gerundivo, forma similar ao gerúndio, (na verdade o particípio futuro passivo) que se gramaticaliza em substantivo. As demais formas verbo-nominais também, muitas vezes, se gramaticalizam em

⁴ Estamos comemorando um feriado fascinante hoje. (tradução nossa)

nome, inclusive o infinitivo e o particípio passado. O PP já pode ser encontrado nominalizado no próprio latim. Assim, o gerúndio, que, em todos os usos continua guardando valores de verbo e de nome, termina por absorver o uso do PP, assumindo, também as funções de verbo-adjetivo. É compreensível, pois, que, quanto mais o PP se afasta de suas funções verbais, mais o gerúndio vai adentrando e ocupando esse espaço. O gerúndio deve, pois, ser pensado como uma forma verbo-nominal propriamente dita, cuja prototipicidade consiste, exatamente, em pertencer ao mesmo tempo a duas categorias distintas, sem, no entanto, perder características de nenhuma delas. Esse fato justifica o desenvolvimento e ampliação das diversas aplicações sintáticas que o gerúndio vem recebendo nas línguas modernas da família neolatina, especificamente o português.

4.4. Nominalização

Dentre os particípios presentes latinos analisados, 23 (26%) correspondem em português a nomes (adjetivos e substantivos). Trata-se do segundo grupo de frequência, reunindo dados como:

a) [...] *sed quia multi aliter **sapientes** in eius aestimatione desipiunt*, [...] (CXIII)
[...] mas como muitos **sábios** perdem o juízo aceitando-as [...] (113)

b) [...] *unde oculis **insipientium** appareant speciosae*. (CXIII)
[...] para parecerem formosas aos olhos dos **ignorantes**.

c) [...] *et sub velo **petulans** oculus exhibebat impudentiam* ? (CXIV)
[...] e sob o velo o olho **irreverente** exibia o seu descaramento

d) *Invenientur, nisi fallor, viri consilii, spiritu **ferventes**, in tribulationes **patientes, potentes** in opere et sermone*. (CCCLV)

Se não me engano, eles se apresentam como homens de grande sabedoria, **fervorosos** de espírito, **pacientes** na tribulação, **poderosos** em obras e palavras.

Já dissemos que a recategorização dos particípios não se inicia nas línguas românicas, mas ocorre desde o latim. É unânime entre os gramáticos a afirmação de que muitos particípios latinos tornam-se verdadeiros adjetivos, a exemplo de *prudens, -entis; sapiens, -entis; potens, -entis*. Outros PPs se firmam ainda como substantivos: *parens, -ntis; oriens, -entis*. Nesse caso vale lembrar que o particípio *parens, -ntis*, na *Epistula Ad Sophiam virginem* aparece com valor nitidamente verbal. (v. p. 19)

Nas línguas indo-europeias, em especial no latim, e nas línguas românicas, os substantivos e os adjetivos praticamente se identificam no plano morfológico. Assim, no latim, ambos eram afetados pelas categorias do gênero, do número e do caso, sendo a concordância entre ambos obrigatória, quer estivessem associados dentro do sintagma nominal, quer estivessem ligados através de cópula.

A mudança ocorrida com o PP na passagem do latim para as línguas românicas e, até mesmo, no próprio latim, se constitui, na verdade, na ênfase das características nominais e enfraquecimento do valor verbal. A mudança, portanto não se deu de forma brusca, mas gradual, envolvendo antes o reforço das características nominais e, depois, a sua recategorização. Também o trânsito adjetivo > substantivo se registra: participípios se tornam adjetivos, depois assumem também o espaço de substantivo e vice-versa. Em muitos casos também, o PP não apresenta limites nítidos de sentido, deixando dúvida sobre seu caráter verbal ou nominal.

Essa situação resultou em formas nas quais predominam a característica nominal, ou seja, o traço categorial de substantivo como em *dente*, quando o grau de cristalização se acentua, perdendo-se para o usuário a noção de *o que come*, *o que mastiga*. Registram-se casos que mantêm a relação nominal substantivo/adjetivo como *os ignorantes (homens ignorantes)* ao lado de outros que preservam a relação verbo/adjetivo como em *murmurantes e mercantes*.

Vale ressaltar que, a partir de processo de reanálise, ao sofrer recategorização como adjetivo ou substantivo, o participípio perde propriedades inerentes ao verbo, como a transitividade, por outro lado, adquire propriedades novas, essenciais aos nomes, como as privativas flexões de número e gênero desta categoria. Tal recategorização do participípio em nome enseja a reflexão acerca dos limites e correspondências dos casos de lexicalização e de gramaticalização.

Brinton e Traugott (2006, p. 115) analisando o PP na língua inglesa, argumentam que o desenvolvimento dos *adjetivos do PP* foi um caso de lexicalização. Em se tratando da língua portuguesa, preferimos não generalizar essa posição, já que acreditamos que, na maioria dos casos, em primeira instância o participípio se recategoriza em adjetivo, classe mais gramatical do que o verbo, só posteriormente ocupando o lugar de substantivo. Postulamos como casos de lexicalização aqueles em que, tomando-se o morfema *-nte* do PP, formam-se novos substantivos, não necessariamente com radical verbal, que passam a integrar o inventário da língua. Nesse caso estariam, por exemplo, *feirante* (o que trabalha na feira) e *cadeirante* (o que anda em cadeira de rodas) e ainda as inovações mais recentemente na língua, tais como *ficante*, *engordante*, *pedalante*, *beijante*, *casante*, *rodante*, entre tantos outros. Nesses casos, não se

trata simplesmente de exemplos de formação de palavras por derivação, mas de lexicalização a partir do morfema característico do PP *-nte*.

4.5. *Conservação do participípio*

Com valor efetivo de participípio, na tradução das cartas Bernardo para a língua portuguesa, encontramos 13 ocorrências (15%), das quais apresentamos alguns exemplos a seguir. Vale salientar que algumas dessas formas são bastante comuns no uso da língua, outras se devem ao estilo especial do autor, Bernardo de Claraval. Como a tradição gramatical do português não considera o PP como forma existente na fase contemporânea da língua, remontando seu uso ao século XVI, convém uma explicação mais detalhada dessas ocorrências.

Quatro das ocorrências são nitidamente empregadas como participípios, já que estão construídos com o mesmo regime dos verbos dos quais proveem: *temente a*; *ciente de*; *consciente de que*; *confiante em*, como em:

a) [...] *mulier **timens** Deum ipsa laudabitur. (CXIII)*

[...] *a mulher **temente a** Deus, essa sim será louvada*

b) [...] *sed Christo, **sciens** quia et saeculo vivere mors est*

[...] *mas para Cristo, **ciente de** que viver para o mundo é morrer*

c) *Et ut eam tamquam gratiam habeas et Toto ei humanitatis et devotionis affectu studeas respondere, **sciens** quod Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam [...]* (CCCLXVI)

*E para que a consideres como graça e procures responder a ela com toda humildade e devoção, **consciente** de que Deus opõe-se aos arrogantes, porém, aos humildes concede a graça [...]* (366^o)

d) [...] *sed de vestra notissima liberalitate atque benignitate **confidentes**, preces ad te deferimus. (DXI)*

*Encaminho a vós as minhas súplicas [...] mas **confiante em** vossa conhecida generosidade e benevolência (511)*

Quanto a *presente* e *ausente*, nos exemplos que se seguem, podemos observar que o PP não tem nenhuma ligação direta com qualquer substantivo, traduzindo somente a ideia de estar pessoalmente ou estar afastado, remetendo ao caráter fundante de verbo. Observemos que, no primeiro exemplo, os PPS estão seguidos de preposição, nas formações *ausente de* e *presente com*:

- a) *Et nunc quidem praesens Sum spiritu, licet corpore absens; (CXVI)*
Quanto a mim, embora **ausente** de corpo, estou **presente** com o meu espírito.
- b) *O quam libentius ista praesens colloquerer quam scribo absens! (CXVII)*
Oh! como eu estaria feliz de, **presente**⁵, te falar o que, **ausente**, te escrevo
- c) [...] *utpote absentem et ignorantem quid fieret. (CCCI)*
[...] já que me achava **ausente** e, portanto, **ignorante** do que aconteceu.
(301)

Por vezes, o PP pode ser traduzido por participio ou gerúndio. Trata-se de casos como o da forma *vivente*, quando, na mesma frase, ora é traduzido pelo gerúndio, ora conserva-se como participio:

[...] *tua vivens non Dei lege, vivens mortua eras: vivens mundo, mortua Deo, sive, ut verius loquar, Nec mundo vivens, nec Deo. (CX)*
[...] *vivendo na tua lei e não na lei de Deus e, embora vivente estavas morta, vivente para o mundo, morta para Deus, melhor dizendo não vivendo para o mundo nem para Deus.*

Em favor da conservação do PP em tempos modernos, contrariando os postulados da tradição gramatical do português, que registra apenas o participio passado, ou, quando muito, as gramáticas históricas que remontam o seu uso ao século XVI, podemos trazer, além dos estudos de Oliveira (2004, p. 98-106), os estudos de Votre e Oliveira (2007, p. 156) quando afirmam:

Nosso objetivo no estudo dos adjetivos é ilustrar parte dos postulados, e verificar como o português se comporta no processo de recategorização e cristalização no uso das formas reduzidas, na trajetória da fase arcaica à contemporânea, no que se relaciona a construções terminadas em -nte, em princípio correspondentes a estruturas latinas de PP. Procuramos oferecer evidências **em favor da continuidade de sentido, da persistência do valor verbal/adjetival na maioria dessas formas**, sem descurar as tendências de variação e mudança no domínio funcional reduzido do português. (grifo nosso)

Ainda para os referidos autores, verbo e adjetivo muitas vezes compartilham traços básicos, de predicados ou de atributos de nome a que se associam,

⁵ Praesens neste caso também deve ser entendido como pessoalmente.

e são percebidos, em bloco, como membros de uma mesma categoria, sendo, às vezes, pouco plausível a delimitação entre adjetivo e verbo.

4.6. *Sintaticização: relações intersentenciais*

4.6.1. De participio para oração relativa

Ao PP latino corresponde, muitas vezes, uma oração adjetiva relativa em português, fato que destaca o valor adjetivo que lhe cabe como forma verbo-nominal, não enfraquecendo, porém, o valor verbal, já que corresponde à oração com verbo finito. No *corpus* analisado, encontramos 14 ocorrências desse tipo, o que representa 16% das formas participiais coletadas, como em:

a) *Nam **volenti** perperam agere, et desertum abundantiam habet, [...]* (CXV)
Pois, para aquele **que deseja** agir mal mesmo o deserto oferece oportunidades em abundância.

b) *Quippe iamdudum a timore Dei **concipiens**, parturisti tandem spiritum salutis, foras utique mittente caritate timorem.* (CXVII)
Porque faz tempo **que concebestes** no temor de Deus e, ao final, destes à luz o espírito da salvação substituindo o temor pelo amor.

4.6.2. De participio a orações adverbiais

Nesse grupo, analisamos 10 ocorrências, que correspondem a 11% do total de PPs. A explicação de Väänänen (1968, p. 24), de que essa forma assinala uma relação de concomitância seja temporal, seja modal e ocupa o lugar de oração circunstancial, justifica a evolução do participio para orações adverbiais nas línguas românicas.

O PP latino serve, muitas vezes, para exprimir, mais brevemente do que com o auxílio das conjunções, as diversas circunstâncias. Em português esse participio é traduzido por uma proposição adverbial. São orações construídas com *sem*, *sem que*, que denotam simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da idéia de modo (adverbial de modo). Embora a NGB não mencione as orações modais, elas são registradas no uso linguístico. Bechara (2006, p.152) também as menciona e registra alguns exemplos.

É importante ressaltar que essas proposições adverbiais iniciadas por *sem* e *sem que* provêm do PP latino, antecedido de partícula negativa, como em:

a) [...] *non **habentem** maculam aut rugam aut aliquid huismodi* (CXIII)
[...] **sem** mácula nem ruga, nem coisa semelhante.

b) *Ille est verus propiusque cuisuque rei decor qui nulla **interiacente** materia, per se inest.* (CXIII)

O genuíno e autêntico encanto de qualquer coisa é a naturalidade, **sem interferência** de nenhuma espécie.

Em virtude do seu valor nominal, o PP latino pode resultar nas línguas românicas em orações adjetivas, pode, também, ser substituído por orações adverbiais e substantivas. Quando o particípio se gramaticaliza em orações adverbiais, substantivas completivas e subordinadas adjetivas, ocorre a mudança de um modelo mais pragmático (o uso do simples particípio) para um modelo menos pragmático, resultando em relações intersentenciais que modificam o período: a sentença simples é reanalisada numa sentença complexa. Substituindo o particípio simples por uma oração, temos como resultado uma estrutura complexa com orações dependentes que altera o estatuto do particípio, na sua posição sintática. Essas relações intersentenciais nos permitem identificar mudança, com envolvimento de reanálise e sintaticização.

5. Preposições acidentais oriundas de PP

Embora a mudança em preposição se constitua nas instâncias prototípicas de gramaticalização (NEVES, 1997), não encontramos no *corpus* nenhum caso deste tipo. Consideramos que a ausência de dados ilustrativos desse fenômeno se deva à natureza dos textos que nos servem de fonte, uma vez que estamos lidando com cartas escritas por um remetente culto, que, em estilo cuidado, se dirige também a destinatárias letradas, em tom formal; contextos discursivos assim definidos, conforme Barbosa (2007), motivam usos mais formais, e, portanto, menos permeáveis a inovações linguísticas, como as atinentes aos fenômenos de gramaticalização. De todo modo, ainda que sem dados das cartas de Claraval, julgamos conveniente explicitar como essa gramaticalização do PP em preposição se processou no percurso do latim à língua portuguesa, já que essas preposições são comumente empregadas na língua.

Quando Neves (1997, p. 120) declara que a existência de palavras funcionais originadas em palavras de conteúdo lexical constitui o que se poderia classificar como “as instâncias prototípicas da gramaticalização”, ela exemplifica esse fato justamente com a mudança de particípio em preposição. Os gramáticos, em geral, classificam como *essenciais* as preposições que só desempenham essa função, e *acidentais* as oriundas de outras classes, eventualmente empregadas como preposição.

No caso específico em que o PP se recategoriza em preposição, fica evidente a mudança do nível lexical para o gramatical, já que a preposição é uma categoria prototípica. Sua função é a de organizar, no discurso, os elementos de conteúdo lexical, relacionando palavras, orações e partes do texto, marcando estratégias interativas, expressando noções como tempo, aspecto, modo, entre outras. Como exemplos de preposições oriundas de PP, podemos citar no português: *durante*, *mediante*, *salvante*, *tirante*, *não obstante*, *não embarcante* (arcaico). Essas preposições “acidentais” funcionam fora do sistema de transitividade, isto é, não introduzem complemento, mas estabelecem relação semântico-adverbial: *durante* (de tempo); *mediante* (de meio); *não obstante* (de concessão); *tirante* (de exclusão); *consoante* (de conformidade).

Como ressalta Maurer Jr. (1951, p.164), além das preposições vindas do chamado latim vulgar, as línguas românicas criaram mais tarde outras preposições pela cristalização de participípios usados em expressões absolutas (ablativo absoluto). Com o correr do tempo, em alguns casos, o participípio acaba por tornar-se invariável na expressão, esvaziando-se do seu valor de participípio absoluto. A tendência para reduzir participípios a formas cristalizadas nota-se já em latim, em que se encontram, desde a época arcaica, expressões como *absente nobis*, *praesente nobis* e *astante civibus*. A mesma tendência se observa nas demais línguas românicas desde a Idade Média.

Dessas formações consagradas, muitas se reduzem a meras preposições, outras assumem funções prepositivas apenas em certas circunstâncias, sugerindo mudança em processo. Algumas delas já vêm formadas, desde o latim, em que se usavam em expressões jurídicas. *Mediante* e *excepto*, por exemplo, se tornam invariáveis no latim da decadência. *Excepto* ocorre primeiramente como ablativo absoluto, sem concordar com o seu sujeito *excepto filiabus*, provavelmente por analogia com *praesente nobis* (DIAS, 1970, p.165). Desse modo, muitos participípios antigos se tornaram invariáveis durante o romance medieval.

A análise das preposições oriundas de PP permite-nos tratar de fenômenos interessantes. *Durante* e *mediante*, por exemplo, são, na sua origem, antigos PPs, empregados oracionalmente com sujeito, que passaram a ser tidos na conta de preposições. *Mediante*, sempre em construção de ablativo absoluto, corresponde normalmente em português à preposição *mediante*, ou à locução prepositiva *por intermédio de*. Tem sua origem em: *medians*, *-antis*, PP de *mediare*, cuja significação inicial é *localizar-se no meio de*, portanto, tratava-se de forma de base semântica espacial, de significado concreto, que passa a significar *por intermédio de*, com sentido virtual e lógico. Essa mudança semântica representa

abstração do uso espacial, aquilo que se conserva fisicamente no espaço (no meio de duas coisas) assume o significado de *através de*. É, pois, um fenômeno ligado ao processo cognitivo de metaforização e conseqüente gramaticalização. Quanto ao desgaste sintático-categorial, temos um adjetivo deverbal que se torna preposição, envolvendo a metáfora orientacional *localizar-se no meio é interferir*.

O mesmo acontece com *durante*, oriundo de *durans*, *-antis*, de *durare*, com significado inicial de *tornar duro, conservar-se em determinado estado, solidificar*, como se verifica em *tum durare solum coepit* (FERREIRA, 1998 s.v. *duro*), que se traduz por *então, o solo começa a endurecer*.

Não obstante é também uma locução prepositiva, formada a partir do PP *obstans*, *-antis* do verbo latino *obstare* de: *ob* (*em frente de*) + *stare* (*estar em pé*) e que se encontra dicionarizado com o sentido próprio de *por-se diante de, fazer obstáculo, impedir a passagem*. Dados históricos permitem-nos detectar essa trajetória de mudança; da concepção inicial de sentido claramente espacial, como em: *Obstando potius quam pugnando* (TORRINHA, 1942 s.v. *obsto*), traduzido por *Preferindo impedir a passagem a combater e ainda non humana ulla neque divina obstant quin [...]* (TORRINHA, 1942 s.v. *obsto*), traduzido por *nem as coisas humanas nem as divinas servem de obstáculo a que...*, decorre, no próprio período latino, a acepção abstrata de *prejudicar, contrariar*, verificada em *Cur meis commodis obstant?* (FERREIRA, 1998, s.v. *obsto*), cuja tradução é *Por que contrarias os meus interesses?*; e daí passa, figurativamente, a compor, na língua portuguesa, a locução prepositiva “*não obstante*”, com a ideia de *apesar de, contudo* ou *se bem que*, como em *Aberta a porta, foi absoluta a sua surpresa, custava-lhe a crer; não obstante o testemunho dos próprios olhos.*” (AULETE, 1964 v. 4, s.v. *obstante*).

Através dessa amostra, podemos observar que a passagem do PP a preposição confirma os critérios arrolados por Givón (2001) para identificar essa mudança gramatical: o semântico, com base na derivação de sentidos físicos ou concretos para sentidos abstratos ou lógicos; o morfológico, pela trajetória gramatical PP > preposição; o sintático, com a fixação de ordem na estrutura oracional. O PP que se gramaticaliza em preposição apresenta-se, no latim, em *ablativo absoluto*. Tal construção sintática especial da língua latina correspondia a várias orações circunstanciais, segundo o contexto, e que passaram a traduzir, na língua portuguesa, certas orações adverbiais. Consideramos que essa condição deve ter motivado também a mudança referida.

Conclusão

A pesquisa dos usos de PP nas cartas de Bernardo de Claraval, à luz dos pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, aponta para tendências de estabilidade, na manutenção de usos participais, por exemplo, e de mudança linguística, como na derivação para gerúndio. Trata-se de trajetórias não incompatíveis na história do português. Usos contemporâneos apresentam traços inovadores e conservadores em relação ao PP, tanto em relação ao latim quanto ao período arcaico, o que ratifica a interface manutenção/mudança nos padrões funcionais desta categoria.

Outro aspecto relevante que os dados do *corpus* permitem atestar é a identificação, no viés da mudança linguística, de duas trajetórias – uma de lexicalização e outra de gramaticalização, não necessariamente contraditórias. Nesse quesito, os resultados obtidos ratificam a proposta de Brinton e Traugott (2006), acerca dos pontos correspondentes entre os dois trajetos referidos, que estão a merecer maior atenção por parte das pesquisas em funcionalismo.

Destarte, esperamos que as questões aqui levantadas ensejem novas investigações, nesse campo tão vasto e instigante da complexidade dos usos linguísticos. Nos dias de hoje, com a revalorização das fontes históricas como base de pesquisa, há um vasto campo a percorrer e a descobrir para os que se aventuram por essas páginas documentais.

Referências

- ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. aum. Revisão, notas e índices por Maximiano de Carvalho e Silva. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 38. ed. São Paulo: Saraiva, 1992a.
- ALMEIDA, N. M. *Gramática latina*. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1992b.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- BARBOSA, A. Normas cultas e normas vernáculas: a encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro. In: CASTILHO, A. T et alii (ed). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes, 2007, p. 483-498.

- BASSOLS DE CLIMENT, M. *Sintaxis latina*. Madrid: Garcia Norato, 1956.
- BECHARA, E. *Lições de português pela análise sintática*. 18. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BYBEE, J. *Morphology*. Cambridge: CUP, 1985.
- BRINTON, L; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006
- BUENO, S. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- CAMARA JR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979 .
- CAMARA JR. J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- COELHO, F. A. *Sobre a língua portuguesa*. Porto, 1873.
- COUTINHO, I. L. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1982.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. revisão de Ana Lúcia Kronenberg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA, M. A. F; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: Cunha, M. A. F; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTA, M. E. (ed) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.
- DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Clássica, 1970.
- ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. Avec avant-propos par A. Meillet. 4.^{ème} éd. revue et corrigée. Paris: Klincksieck, 1989.
- ERNOUT, A.; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2. ed. revue et augmentée. Paris: Klincksieck, 1953.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étimologique de la langue latine: histoire des mots*. 4.^{ème} éd. augmentée d'additions et de corrections nouvelles par Jacques André. Paris: Klincksieck, 1985.
- FARIA, E. *Gramática da língua latina*. 2. ed. revista e aumentada. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Brasília: MEC-FAE, 1995.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário latim-português*. Porto: Porto, 1998.
- GAMARSKI, L. Efeitos da morfologia sobre a estrutura argumental: adjetivos deverbais em -nte. In: KOCH, I. G. (ed) *Gramática do português falado*. São Paulo: EDUNICAMP, 2002. p. 397-415.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Gramaticalización: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- KLEIBER, G. *La sémantique du prototype*. Paris: Preses Universitaires de France, 1990.
- LAURAND, L. *Manuel des études grecques et latines: grammaire historique du latin*. Paris: Auguste Picard, 1918.
- MACÊDO, J. *Aspectos da tradução latina sob a ótica da análise do discurso*. In: SANTANA NETO, J. A. (ed). *Discursos e análises*. Salvador: UCSAL, 2001.
- MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (ed). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.
- MAURER Jr., T. H. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: SBD-FFLCH-USP, 1951.
- MEILLET, A. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3. ed. Paris: Hachette, 1933.
- MELO, G. C. *Iniciação à filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- NEVES, M. H. M. N. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. N. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, J. O. N. *Enlaces e desenlaces entre participiops e gerúndios*. 2004. Tese (Doutorado em Letras e Linguística. Instituto de Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A. trajetória das concepções de “discurso” e de “gramática” na perspectiva funcionalista. *Matraga*, nº 24, vol. 16, 2009, p. 97-114.
- PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva: curso superior*. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. 59. ed. São Paulo: Nacional, 1942.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- PINKSTER, H. *Sintaxis y semântica del latin*. Trad. M. Esperanza Torrego Jesus de la Villa. Madrd: Clássica, 1995.
- POGGIO, R. M. G. F. *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. 1999. 3v Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- RAGON, E. *Grammaire latine: a l'usage des classes superieures*. 10. ed. Paris: Poussielgue, 1909.
- RAVIZZA, P. *Gramática elementar da língua latina*. 4. ed. Niterói: Salesianas, 1925.
- RIEMANN, O. *Syntaxe latine: d'après les principes de la grammaire historique*. 7. ed. revue par Ernout. Paris: Klincksieck, 1942.
- STRECKER, K. *Introduction a l'étude du latin medieval*. Traduite de allemand par Paul Van de Woestijne. 3. ed. revue et augmentée. Lille: Giard, 1948.
- TARALLO, F. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. 2. ed. Porto: Gráficos Reunidos LDA, 1942
- VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latin vulgar*. Versión española de Manuel Carrion. Madrid: Gredos, 1968.
- VEIGA, A. B. *Virgeu de Consolaçon: edição crítica de um texto arcaico inédito*. Introdução, gramática, notas e glossário. Bahia: Globo, 1959.
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. Para uma teoria pancrônica das atividades linguísticas. In: FÁVERO, L.; BASTOS, N. B.; MARQUESI, S. (ed). *Língua portuguesa – pesquisa e ensino*. vol. 1. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007, p. 153-164.
- WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Trad. por Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: MEC/ INL, 1961.
- ZENONI, G. *Gramática latina*. 2. ed. tradução e adaptação da 20. ed. original autorizada pelo autor. Cucujães: Missões, 1946.